

SALVADOR MONTEIRO: HISTÓRIA EDITORIAL



Oto Dias Becker Reifschneider

¶ Prólogo¹

Conheci Salvador Monteiro por meio dos livros da Alumbramento, sua editora. Havia comprado, para minha coleção, *Amor Canto Primeiro*² e *Elegias*, os primeiros dois volumes por ele publicados, mas o que realmente me encantou foi a tiragem especial de *Alumbramento*, com gravuras originais de Darel, Grassmann, Bianco e Aldemir Martins, os ilustradores do livro. O cuidado com que o livro foi composto e impresso, as dobraduras da caixa, o disco com poesias declamadas por Bandeira e as gravuras me fizeram querer saber mais. A única referência que encontrara sobre o editor, salvo umas poucas matérias jornalísticas, foram alguns parágrafos e a listagem de obras feita pela professora Knychala em seu *O Livro de Arte Brasileiro*. Consultei algumas dessas obras na BCE, a biblioteca da Universidade de Brasília. O fato de não encontrar quase nenhuma referência a Salvador, além de só ter podido ter acesso a poucos de seus livros, me instigaram ainda mais. Obtive seu contato, e, após dois anos de desencontros tentando marcar uma entrevista, consegui. Fui ao seu encontro e pude conhecer melhor seu trabalho, ao longo de uma agradável conversa. ¶ O que se pretende, aqui, é contar um pouco da história de Salvador Monteiro em seu papel de artista gráfico. Não se trata, portanto, de escrever a trajetória

1. Este texto baseia-se em grande medida na entrevista concedida a mim por Salvador Monteiro em seu apartamento, no Rio de Janeiro, em 3 de julho de 2009. Poucos meses após nossa conversa, o estado de saúde de Salvador foi piorando, tendo falecido em 16.12.2009, segundo informação de seu filho, Felipe Monteiro.

2. Maiores detalhes sobre cada um dos livros citados podem ser encontrados ao final deste trabalho, em Anexo B: Obra.

da Alumbramento, pois sua obra extrapola a editora dirigida por ele e Leonel Kaz. Além dos livros que editaram, há outras belas obras com sua direção gráfica, assim como os livros da Edições do Amador, de uma simplicidade elegante, que sintetizam sua experiência editorial. É preciso dizer que a preocupação com o correto estabelecimento do texto era também fulcral para Salvador.

❏ Formação

Seu contato com a palavra impressa, em suas várias facetas, deu-se pelo pai, que fora jornalista e possuía, jovem, uma gráfica na Bahia. Em Ilhéus, a convite, fundara o *Jornal da Tarde*, um semanário que, inicialmente, fora pensado como diário. Com a perseguição política, o jornal precisou ser vendido, comprando-se em seguida, com o valor arrecadado, a gráfica. Salvador, aos dez anos de idade, já era “desenhistasinho” do jornal paterno, elaborando um desenho humorístico, com orientação da irmã.

Além de seu pai, outra figura importante para Salvador foi o editor e bibliófilo baiano Pedro Moacyr Maia, seu colega de ginásio e amigo, responsável pela editora Dinamene³. Começaram juntos na Bahia, por volta dos dezesseis anos:

Estávamos no colégio quando meu pai, perseguido por Getúlio, comprou uma gráfica – Papelaria e Livraria Americana, tornada Casa Monteiro, dava para o terreiro de Jesus, era na

Praça da Sé – importou da Holanda tipos. Aquilo para mim foi uma revelação. Eu, jovem, fui para dentro da gráfica. Mostrei para Pedro, que já era avançado na literatura. Fomos lá e fizemos uma publicação de poesias de Joaquim Cardozo, ilustrados por Ligia (Fernandes), da Bahia – uma grande ilustradora. Ele embarcou nisso, foi o começo do Pedro.

Salvador mudou-se para o Rio nos anos 1950, convidado para ser repórter da *Manchete*. De seus trabalhos na revista, relembra uma matéria forte contra Getúlio, publicada em dezembro de 1953: “Os Contramestres de Vargas”. Após a leitura da matéria, Getúlio teria telefonado a Adolpho Bloch e dito que respeitava, mas não concordava. O conteúdo era ácido, como se pode perceber pela leitura dos dois primeiros parágrafos:

A sombria perspectiva histórica dos governos anteriores do atual presidente retrata uma maioria de contramestres sem nenhuma evidência administrativa, cujas atuações foram marcadas exclusivamente por uma posse solene, cheia de retórica e um bilhete azul por vezes inesperado.

Devemos confessar por amor à justiça que vários ministros poderiam ter melhor êxito se não fossem atrapalhados pela equipe ministerial e pelos compromissos do governo ou dos partidos. Em compensação devemos dizer, em homenagem à maldade, que alguns deles não fizeram pior em suas gestões porque também o conjunto ministerial não permitiu.

A matéria – que Salvador me mostra com orgulho – tinha uma página inicial com texto e uma foto e duas páginas com fotos e descrições sucintas dos companheiros de Getúlio em sua trajetória, nos anos 1930 e em 1953. Entre os alvos da matéria estava Vicente Rao, então ministro das Relações Exteriores, que em 1935 fora ministro da Justiça (foi quem prendeu Prestes e depor-

3. De acordo com informações no *Boletim da Biblioteca Rodolfo Garcia* “[...] surgiu para apoiar financeiramente a revista *Cadernos da Bahia*, criada em 1948 pelo historiador Vasconcelos Maia, pelos jornalistas Cláudio Tavares e Darwin Brandão, além de Wilson Rocha e do próprio Pedro Maia. [...] Mas Pedro Maia sempre investiu mais do que obteve de retorno, já que tinha na Dinamene um trabalho amador, uma oportunidade de ter satisfação pessoal”. Várias das publicações da Dinamene, doadas por Alberto da Costa e Silva para a ABL, estão listadas nesse informativo.



Os contramestres de VARGAS

Foram (apenas) 62 ministros que giraram, até hoje, em torno da figura singular do Sr. Getúlio Vargas

Reportagem de SALVADOR MONTEIRO

Matéria publicada na revista Manchete contra Getúlio Vargas.

tou Olga). “Eu arraso com ele”, comentou Salvador, que publicou fotos de todos que conseguiu, com pesquisas feitas em jornais. Revelou ter ficado impressionado quando viu a matéria impressa no papel, na revista – contava apenas 26 anos e morava na União dos Estudantes, ainda cursando Direito. Narrou que uma noite foi brutalmente agredido: não o localizaram em sua morada, na UNE. Encontraram-no em um bar, que foi todo quebrado, enquanto tentava

se defender. Para Salvador, “foi o Vicente Rao que mandou – ficara revoltado. É a minha herança, eu defendendo meu pai”. Depois, em 1954, fez uma matéria, “Getúlio Morrerá Sozinho”, entrevistando todos que haviam se afastado dele. Salvador conta que Adolpho Bloch resolveu não publicá-la imediatamente – Getúlio morreu e a matéria ficou inédita.

Por volta de 1955/1956, Salvador foi convidado a trabalhar na editora da Casa do

Estudante do Brasil (CEB), que se localizava na Praça da Sé. A editora havia sido montada por Arquimedes de Melo Neto em 1940, a convite de Ana Amélia Carneiro de Mendonça⁴, e era por ele dirigida.

Então me casei, vim para cá de novo, estava sem nada, não estava mais na *Manchete*, morando lá em cima em Santa Tereza. Comecei a trabalhar na editora, até que tive um problema com um dos diretores. Um homem que brigou com todo mundo em sua trajetória. Eu fui a São Paulo, ele em São Paulo – Arquimedes de Melo Neto. Ele ameaçou, ameaçou, defendi, fui agredido dentro do escritório dele, tive que me defender, consegui sair – fui para uma casa em São Paulo para poder voltar para o Rio, muito preocupado.

Arquimedes começou a ameaçá-lo o tempo todo, pois tinha se machucado muito na briga – a saída de Salvador da editora foi inevitável. Começa, então, a fazer publicidade em agências e vai para o Ministério da Cultura, atrelando-se a publicação de livros no Instituto Nacional de Livros (INL), onde fica até se aposentar. Trabalhou em diversos projetos gráficos de revistas e livros, que, no entanto, não o interessavam muito. Foi, também, chamado para mais uma vez trabalhar na *Manchete*, em projetos específicos, mas acaba por se afastar da revista pela forte influência dos militares. Quando saiu pela segunda vez

4. Poetisa, tradutora e idealizadora da CEB. Segundo depoimento de José Gomes Talarico, tomado por Angélica Muller e Tatiana Di Sabbato, “[...] Ana Amélia, eleita Rainha dos Estudantes do Brasil, quis retribuir esse gesto de homenagem criando a Casa do Estudante do Brasil. Ela transformou um prédio da família, em Laranjeiras, em uma casa de repouso para os estudantes que não tinham condições de estar em repúblicas ou morando em pensões. E abriu a sede da Casa do Estudante do Brasil, exatamente ao lado de *O Globo*, atrás do edifício Avenida, no Largo da Carioca”. Disponível na secção “Depoimentos”, em: <http://www.mme.org.br/>

da *Manchete*, já estava com sua editora, fazendo seus livros – as edições Alumbramento. Uma das coisas que mais apreciava à frente da Alumbramento era a grande aproximação com intelectuais e poetas.

¶ As edições de Salvador: algumas histórias

A Alumbramento, primeiro projeto de Salvador Monteiro, teve seu início em 1968, com a publicação de *Amor Canto Primeiro*. Durante muitos anos, no entanto, o projeto editorial ficou estagnado, até que Salvador se juntou a Leonel Kaz, a quem havia conhecido na *Manchete*. Começaram, em 1974, a publicar novos volumes, seguindo os moldes da primeira publicação. De início, a editora publicava livros artesanais, muito bem impressos, com papéis de alta qualidade, e desenhos reproduzidos por serigrafia, fora algumas edições que continham também gravuras originais, assinadas pelos artistas. A guinada comercial da Alumbramento, no início dos anos 1980, leva Salvador a criar a Edições do Amador, mantendo as qualidades artísticas das primeiras publicações, sem maiores interesses comerciais. Além dessas duas iniciativas, foi também responsável por projetos editoriais específicos de fundações culturais.

¶ Edições Alumbramento: primeira fase

No volume de estreia da Alumbramento, em 1968, *Amor Canto Primeiro*, Salvador ainda estava só no empreendimento. Fez a seleção das poesias, utilizando-se de desenhos de Matisse para ilustrá-las. Ao mostrar-me o volume, destacou o aspecto inconsútil dos cadernos. A segunda publicação da editora só viria em 1974, já com Leonel Kaz como sócio. Salvador comenta que os dois se deram muito bem, um dos motivos do sucesso de seus livros sendo a preocupação de Kaz com a divulgação dos livros, com o aspecto mercadológico, coisa que nunca o entusiasmara.

Salvador, ainda na Casa do Estudante, conheceu Cecília Meireles. Confessou inventar sempre uma desculpa para frequentar sua casa, em Laranjeiras. Quando Pedro Moacyr Maia a editou, foi Salvador quem diligenciou com a poetisa. Lembrou-se de que ela morava numa ladeirinha, onde subia o bonde. Recordou-se da crônica que Drummond escreveu sobre Cecília no dia de sua morte. Encantou-se com ela, com sua beleza, com sua voz: declamava naturalmente. Foi por esse motivo que Salvador quis fazer o segundo volume da *Alumbramento* com suas poesias, que tiveram ilustração de Aldemir Martins.

Apesar das publicações serem caras, de luxo, não havia subscrição. Saíam notícias nos jornais e eram feitos lançamentos na Leonardo da Vinci, tradicional livraria acadêmica no centro do Rio de Janeiro, fundada em 1952. Quando do lançamento de *Amor Amores*, Salvador dissera a Drummond que não precisaria estar presente, que não o aproximaria a repórteres. O livro seria lançado numa terça-feira. Lena Frias⁵, repórter e amiga, procurou Salvador: “me disse que estava com uma página do Segundo Caderno para escrever sobre o Drummond, pediu que ligasse a ele”, mas Salvador negou, pois tinha prometido não aproximar ninguém. Forneceu, no entanto, o telefone do poeta a ela, que ligou da casa de Salvador mesmo, sem mencionar isso, “com uma voz assim... então o Drummond ficava...”. Isso no domingo, eles marcaram segunda na Leonardo da Vinci. A matéria foi feita, publicada no dia do lançamento – teve impacto. Salvador combinou com Drummond o pagamento dos direitos autorais.

Ele disse que tinha anos para pagá-los, pois “poesia não vende” – “é, poeta, vamos ver, eu tenho

5. Marlene Ferreira Frias (1944-2004), jornalista e pesquisadora de cultura brasileira. Para saber mais acesse: <http://www.mulher500.org.br/acervo/biografia-detalhes.asp?cod=47>

vendido os livros”. Às sete horas da noite não havia mais nenhum exemplar na Leonardo da Vinci – tudo vendido, inacreditável. Até o diretor da *Manchete*, Bloch, foi lá comprar e não tinha mais.

Acertou as contas com a dona Vanna no mesmo dia, no seguinte foi à casa de Drummond com o cheque: “O poeta diz que poesia não vende, está aqui o cheque”. Até Jorge Amado encomendou um, Carlos Lacerda, sabendo que era para colecionadores, também telefonou reservando dois exemplares. “Drummond fez: eu não acredito.”

Outro caso interessante é o de Di Cavalcanti, que ilustrou a edição de *Poemas da Negra* – esses foram, segundo Salvador, seus últimos desenhos. O artista morava no Catete: “Tinha uma secretária, Don’Ana, que tomava conta dele, uma pessoa ótima, uma senhora”. Di, que fora companheiro de Mário na formação de nosso modernismo, disse a Salvador ter participado da poesia do paulista, pois este não conheceu muitas negras: “Dei muitas informações a ele – quero ilustrar”.



Disse assim: “Ó Di, vamos fazer um contrato”. Era casado com uma inglesa, não estava mais com mulatas brasileiras – tava também! – e tinha a filha⁶. Disse: “Di, vamos fazer um contrato”. Ele diz: “Não quero, contrato é pra gente rasgar”.

Salvador, no entanto, precisava dessa segurança editorial, que serve tanto ao editor quanto ao escritor ou ao ilustrador – com os descendentes de Mário de Andrade, por exemplo, foram acertados os direitos. “Daí ele fez os desenhos, esses desenhos. Nunca foi feito o contrato.” O livro estava sendo lançado em São Paulo, tudo vendido (primeiro havia sido lançado na Leonardo da Vinci). “Tive notícia da morte de Di Cavalcanti, estava acertando as contas quando ele morreu. Eu aí viajei imediatamente e vim ao seu enterro aqui.” Salvador conta que Glauber Rocha filmou tudo, até mesmo pulou dentro da cova, sobre o caixão – as pessoas que foram ao enterro se surpreenderam: “Eu também me surpreendi, mas fiquei distante, assim, do Glauber – eu conheci ele”. A divulgação dessa filmagem foi proibida⁷. Passados três dias, chamou sua filha e disse a ela: “Olha, Beth, tá aqui, eu não tenho contrato com seu pai, ele não quis o contrato, quero pagar os direitos pois vendi toda a edição”. A quantia que devia pelos direitos era significativa e, quando informou à filha o valor, ela

6. Elizabeth, filha adotiva, era filha da inglesa Beryl Tucker Gilmen, uma das mulheres com quem Di manteve relações.

7. Como diz o próprio narrador, “filmagem causa espanto, irrita filha e amigo”. O documentário, *Ninguém Assistirá ao Enterro da Tua Última Quimera, Somente a Ingratidão, Aquela Pantera, Foi Sua Companhia Inseparável, Di Cavalcanti di Glauber*, filmado em 1976, teve apoio da Embracine, as exibições se iniciando no ano seguinte, sendo premiado no festival de Cannes. De narrativa futebolística, composta de leituras de textos diversos, entrecortada por sambas e marchinhas – a exibição foi interdita pela justiça por conta de um mandado perpetrado pela filha do pintor, hoje é fácil encontrá-lo na internet. Há, no entanto, quem conteste o embasamento legal da proibição.

imediatamente ligou para a mãe, dizendo que estava com o editor, que queria pagar os direitos autorais, pedindo sua opinião. Salvador frisa diversas vezes que a quantia era alta, a resposta foi inequívoca:

“Tá bem, eu quero, eu quero! Essa semana, vou viajar para Londres e vou gastar esse dinheiro todo na Europa”. “Você é filha do Di mesmo!” – não era – “Você é filha do Di”. Eu conhecia ele antes, viajando, como editor da Casa Estudante do Brasil, em Belo Horizonte, em viagem, o Di inteiramente bêbado. A edição foi vendida.

Apesar de serem livros caros, para apreciadores, feitos em pequenas gráficas, com tipografia e outros requintes, todas as edições foram bem-sucedidas comercialmente. O nono livro a sair foi *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água*, de Jorge Amado, ilustrado com serigrafias de Carybé. Salvador conta que Carybé ficou impressionado com o resultado, pois ele havia feito o desenho em preto e branco, apenas indicando as cores. Salvador atribui o avanço da serigrafia no país a Arcindo Madeira⁸, desenhista português que emigrou para o Brasil em 1941. Segundo ele, os descendentes e empregados ficaram com a oficina gráfica. O último livro a sair nesta primeira fase foi *A Paixão Medida*, de Drummond. O tomo saiu em 1980, com ilustrações de Emeric Marcier⁹. As obras editadas pela Alumbramento foram expostas na Galeria Saramenha, no Rio, em 1978. A convite do Itamaraty percorreram diversos países, em 1981, sob o título “Uma Experiência Gráfica Brasileira”.

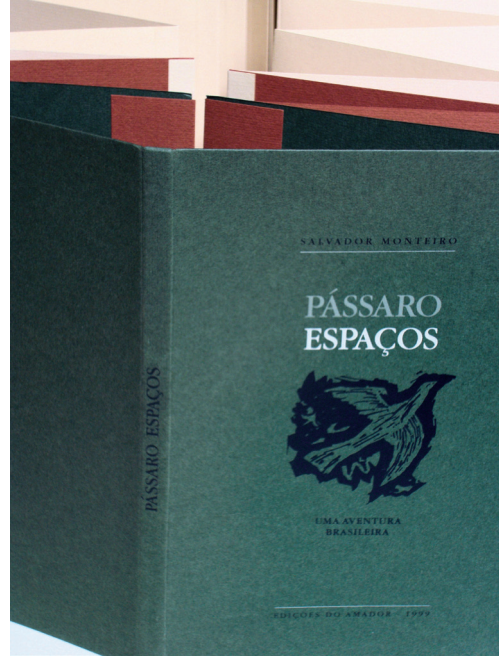
8. Nascido em 1915, esse desenhista português trabalhou eminentemente em ilustração e publicidade. Para saber mais, acesse: <http://www.noticiasdaamadora.com.pt/nad/artigo.php?aid=1893&coddoss=74>

9. Pintor romeno naturalizado brasileiro, renomado pela sua obra sacra (1916-1990). Sua casa, em Barbacena, foi tombada e posteriormente transformada no Museu Casa de Marcier, inaugurado em 2004. Para saber mais, acesse: <http://emericmarcier.org/>

◀ Edições do Amador

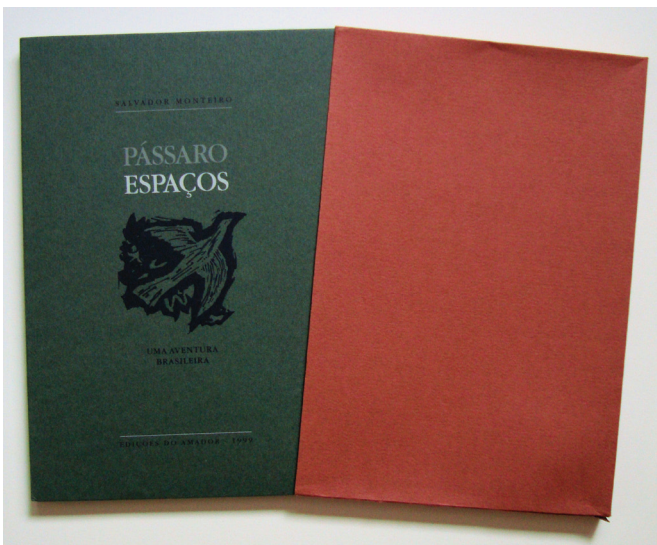
Assim que se decidiram pela guinada comercial com as Edições Alumbramento, Salvador passou a publicar livros seus: seus textos, seus desenhos, seus projetos. Desde o início, com *Amor Canto Primeiro*, ele se notabilizara pelo esmerado cuidado artesanal na produção dos projetos por ele elaborados – não se satisfaria em editar livros sem essas características. Essa parece ter sido a razão de Salvador publicar esporadicamente livros sob a imprensa Edições do Amador, com tiragens entre cem e quatrocentos exemplares. Esses livros muitas vezes não são conhecidos nem mesmo por apreciadores de seu trabalho editorial, pois Salvador não os comercializava, apenas os distribuía entre amigos e conhecidos.

O primeiro título é *Reverso de Fábula*, de 1980. Pedro Moacyr Maia, que estava no Chile quando foi publicado esse volume, ficou encantado com a obra. Ele sempre comunicava a Salvador o que estava fazendo em suas edições Dinamene. No entanto, ficou sabendo por terceiros da publicação do amigo: “Olha, não é possível que você não tenha me comunicado dessa sua publicação!”



Salvador conta que o segundo título surgiu quando estava trabalhando na fotobiografia de Mário de Andrade. Resolveu fazer poemas a partir dos retratos de Mário e batizou essa obra de *Dos Óleos de Mário*, referência aos quadros e ao olhar do homenageado. Ao falar do livro, Salvador destaca o fato de não ter usado hífen na diagramação do texto.

O livro seguinte, *Pássaro Espaços*, também teve origem conjunta de um trabalho feito para a Alumbramento. O mote da obra é o voo de uma pomba, que percorreu distância recorde, entre Teresina, no Piauí, e Belo Horizonte, em Minas Gerais. Esse voo em 1972 foi, segundo Salvador, um acontecimento. Para fazer o livro foi até o Piauí, percorrendo o mesmo espaço que a pomba teria percorrido – quando voltou com o fotógrafo foi registrado o material para o livro *Caatinga*: “Fiquei impressionado com todo o espaço que percorria”. Comentando sobre a feitura do livro, com as folhas sanfonadas, coladas apenas a primeira e a última nas capas: “Fiquei com o dedo torto de tanto preparar os exemplares”. A intenção é que





o livro voasse, como a pomba. O texto de Salvador é poético, homenagem ao feito que o emocionara – assim começa o texto:

Madrugada em Teresina. Uma pomba chamada Jacuí, em silêncio, prepara-se para uma viagem épica e solitária. Seu corpo alado tem a medida exata das formas definitivas e seus olhos redondos como pequenas medalhas refletem intensamente o brilho daquela dourada aurora tropical. Seu destino: voar.

Foram ainda publicados *Presença do Amor* e *Bestiário*, totalizando cinco livros ao longo

de quase trinta anos. De formato pequeno, utilizando-se tanto de tipografia e serigrafia, quanto de impressão a *laser* e *offset*, essas Edições do Amador são a síntese do gosto de Salvador pela palavra impressa.

Edições Alubramento: segunda fase

A segunda fase da Alubramento é marcada por dois modelos: as fotobiografias e a série que lida com aspectos dos diversos biomas brasileiros, iniciada em 1992 com *Floresta Atlântica* e finalizada em 1997 com *Brasil: Flora e Fauna*, patrocinada pelo Lloyds Bank. Do ponto de vista estético-material,

os com produção mais requintada foram outros, como o *Aquarelas – Brasil, Século XIX*, de 2000, o último a ser publicado.

O início da série de fotobiografias se deu quando Salvador tomou conhecimento de algumas das primeiras obras do gênero, editadas na Europa. Entre as fotobiografias que o impressionaram estavam a de Kafka (*Franz Kafka und seine Welt – Eine Bildbiographie*), publicada em 1965, e a de Fernando Pessoa, publicada em 1981, em Lisboa, pela Imprensa Nacional e pela Casa da Moeda – ainda não eram muitas.

Publiquei a fotobiografia do Jorge Amado, ele vivo. Havia feito também a do Mário Drummond, sabendo [que iria fazer a de Manuel Bandeira], telefonou e disse que gostaria de estar presente, fazer uma apresentação – queria escrever uns poemas biográficos. A fotobiografia do Bandeira já estava pronta. Fiquei comovido, como ele dizia tudo. “Quanto eu posso escrever?” Poeta, escreve quinhentos! Ele ria. “Eu quero escrever doze poemas.” Demorou, já estava tudo pronto, e eu com os compromissos.

Drummond telefonou a Salvador para dizer que não havia terminado. Escreveu dizendo que tinha quinze poemas de Bandeira, contando sua história. Em seguida, ligou perguntando quantos poderia escrever – não era fácil concluir essa homenagem a seu antigo amigo. Ao final foram publicados 21 poemas, intitulados conjuntamente “Mosaico de Manuel Bandeira”. Como a edição tinha patrocínio do Ministério da Cultura, José Sarney quis escrever um prefácio, pois ficara encantado com a fotobiografia do Mário de Andrade. Leonel Kaz, o sócio de Salvador, ficou entusiasmado, ele não. “Amanhã a gente conversa.” À noite o Drummond liga: “Salvador, tenho que fazer algumas correções nos meus poemas, minha filha aponta algumas coisas, eu concordo com ela, posso?”



“Pode, poeta.” Disse tudo pelo telefone, as correções. Salvador acabou fazendo uma revisão geral, produzindo um novo fotolito. Antes, no entanto, discutiu a questão da participação de Sarney com Drummond:

Agora, poeta, eu tenho um problema. Apresentei para o INL, foi mostrado para o Sarney, que, encantado, quis fazer um prefácio. O que o poeta acha da presença de Sarney no livro? “Olha, Monteiro, você é que é o editor, você decide, sou um mero participante – o que você decidir está decidido.” Eu digo: “Não é isso não, poeta. Eu quero saber o que o poeta acha da presença de Sarney no livro”. Ele disse: “Eu prefiro a ausência”. Eu disse: “Eu também”. Cancelei, o Sarney queria ir até o Recife – lancei o livro na casa de Bandeira no Recife. Digo para o meu sócio, que pergunta o que dizer. Diga que os primeiros três cadernos estavam impressos (não estavam) – eram dez mil exemplares, não poderia ser tudo impresso novamente. Me defendi e não saiu o Sarney.

Posteriormente, fizeram uma proposta ao Ministério da Cultura para distribuir por

todas as bibliotecas e escolas públicas do Brasil uma caixa com três das fotobiografias: as de Bandeira, Mário de Andrade e Drummond. O projeto foi aprovado pelo ministro e foi feita uma grande edição, com todos os exemplares sendo distribuídos. Essas três fotobiografias foram lançadas duas vezes de forma conjunta: uma com os três volumes publicados separadamente, guardados numa caixa-estojo (em 1998), e noutra os livros foram agrupados em um único volume (em 2000).

Apesar de termos identificado essa segunda fase da Alumbramento como comercial, o cuidado com a produção editorial dos livros continuou muito acima da média. Alguns volumes, como *Brasil no Século XIX*, mantiveram as características da produção anterior da Alumbramento, com utilização de serigrafia, de papéis de luxo (especialmente Fabiano, produzido na Itália), acondicionados em caixas montadas artesanalmente, tudo com uma precisão impressionante.

¶ Outros projetos

Ao longo dos anos, Salvador elaborou diversos projetos gráficos para obras de cunho cultural. As duas que escolheu comentar foram *Azulejos*, sobre o painel que hoje se encontra na Reitoria da UFBA e a do Museu Carlos Costa Pinto. “Esse museu, na Bahia, é um museu extraordinário. Eu, como já conhecia, fui convidado e levei um fotógrafo para fazer tudo isso.” Comentou que Antonio Carlos Magalhães ficou entusiasmado e quis fazer a apresentação. O político, então senador, estava em Brasília: “Vou fazer o texto amanhã”. Estava com tudo pronto na gráfica e nada do texto. Foi mandado um recado para Salvador: “‘Diga a ele que não consegui fazer o texto, se ele pode resolver’ – disse que

não, mas estava tudo parado na gráfica. Acordei à noite, de madrugada, e escrevi o texto para ele e mandei”. O senador concordou, assinou e a publicação seguiu seu rumo.

¶ Bibliografia

- BIBLIOTECA Rodolfo Garcia. “Doação acadêmico Alberto da Costa e Silva”. *Informa*. Ano 3, n. 3, julho/agosto de 2008. Disponível em: <http://www.machadodeassis.org.br/abl/media/Levantamento%20bibliogr%C3%A1fico%20-%20Julho%20e%20Agosto.pdf>
- “BIOGRAFIA de Marlene Ferreira Frias”. *Mulher 500 Anos Atrás dos Panos*. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/acervo/biografia-detahes.asp?cod=47>
- “EDIÇÕES Alumbramento: Livros de Arte Brasileiros”. Brasília, *Correio Braziliense*, 6 de agosto de 1978, p. 8.
- ENTREVISTA de Salvador Monteiro a Oto Dias Becker Reifschneider a 3 de julho de 2009, concedida em sua residência, na cidade do Rio de Janeiro.
- K. Catarina. *O Livro de Arte Brasileiro: Teoria, História, Descrição: 1808-1980*. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1983. 166p.
- MEMÓRIA do Movimento Estudantil: Depoimentos: José Gomes Talarico. Disponível em: <http://www.mme.org.br/>
- MONTEIRO, Salvador. “Os Contramestres de Vargas”, *Manchete*, n. 87, 19.12.1953. 75p.
- MOTA, Pedro. “Universo Arcindo”. *Dossier “Banda Desenhada”*, 27 de março de 2003. Disponível em: <http://www.noticiasdaamadora.com.pt/nad/artigo.php?aid=1893&coddoss=74>
- MUSEU Casa de Marcier. Disponível em: <http://emericmarcier.org/>
- “UMA experiência gráfica brasileira”, de 1981. [catálogo de exposição]

~ Anexo A ~

DE: CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
(*Jornal do Brasil*, 29.6.1978)

“*Alumbramento*. S. m. P. u. 1. *Inspiração sobrenatural; iluminismo*. 2. *Deslumbramento, maravilhamento*: “Um dia eu vi uma moça nui-

nha no banho / Fiquei parado o coração batendo / Ela se riu / Foi o meu primeiro alumbramento” (Manuel Bandeira, *Estrela da Vida Inteira*, p. 116). 3. *Inspiração, iluminação*.”

Isto diz o verbete do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, ou *Novo Aurélio*. Proponho uma



UMA EXPERIÊNCIA GRÁFICA BRASILEIRA 1981

Exposição organizada pelo
Ministério das Relações Exteriores do Brasil
por ocasião da visita de Sua Excelência
o Senhor João Baptista de Oliveira Figueiredo,
Presidente da República Federativa do Brasil,
à República Portuguesa.

quarta acepção para esta linda palavra: “Editora de livros de pequena tiragem e extremo apuro gráfico, existente há dez anos no Rio de Janeiro, sob a responsabilidade de dois loucos mansos, Salvador Monteiro e Leonel Kaz, que remando contra a maré cultivam e incentivam a sensualidade e a espiritualidade da ‘arte de imprimeção’ tal como se praticava há séculos, na melhor tradição de ofício.”

A redação saiu talvez pouco técnica, mas derramada não saiu. Poderia ser ainda mais longa, pois não falta o que dizer dessa editora única no Brasil, que em dez anos de atividade publicou... oito livros. São então uns preguiçosos aqueles dois? Uns boas-vidas? O contrário disto. São antes autoexigentes e levam o zelo da perfeição à fronteira do absoluto.

Oito livros em dez anos dão a exata medida de um trabalho artesanal, meditado, programado, lucidamente executado. E amorosamente também. A palavra amor anda muito desqualificada. Até detergente e fogão se anunciam com amor. Mas, no caso

da *Alumbramento*, não sei que vocábulo, além deste, caberia para indicar uma postura de devoção ao fazer artístico aplicado ao livro de arte – um livro que às vezes assume formas de imprevista liberdade poética. Assim o livro-objeto de Krajcberg, constituído de uma escultura, duas gravuras e texto de Antônio Houaiss, ou *Formas/Espaços*, reunindo gravura em metal, litografia, serigrafia, xilogravura e sete poemas. O conceito do livro dilata-se em formas de experiência visual, com o mesmo tratamento severo de realização manual – a mão *faber*, inventiva e criativa.

Todos esses volumes ímpares [...] irão percorrer chãos da América Latina e do Norte, em mostra que o Itamaraty teve o bom gosto de patrocinar, pois vale por uma bela afirmação brasileira no campo das artes gráficas. Eu disse que Salvador Monteiro e Leonel Kaz são doidos mansos. Às vezes não há como a *doidice* para produzir as jóias da razão sensível.

[texto reproduzido no catálogo da exposição “Uma Experiência Gráfica Brasileira”, de 1981]

~ Anexo B – Obra¹⁰ ~

*Alumbramento – primeira fase: livros artesanais*¹¹

Amor, Canto Primeiro. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, 1968.

Antologia de dez poetas brasileiros, portugueses e espanhóis contemporâneos. Desenhos a traço reproduzidos de *Dessins* de Matisse. Tiragem limitada a 180 exemplares numerados, todos fora de comércio – 60 em papel Fabriano, 60 em Ingres e 60 em Westerpost.

MEIRELES, Cecília. *Elegias*. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, 1974.

Seleção de poemas de Cecília Meireles. Desenhos de Aldemir Martins, impressos em *offset*. Capa em serigrafia, texto em impressão tipográfica. Tiragem de 323 exemplares, numerados de 1-300 e A-Z.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Amor, Amores*. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, 1975.

Antologia de poemas selecionados pelo autor. Desenhos de Carlos Leão. Impressão tipográfica. Tiragem limitada a 423 exemplares, numerados 1-400 e A-Z, assinados pelo poeta e pelo artista.

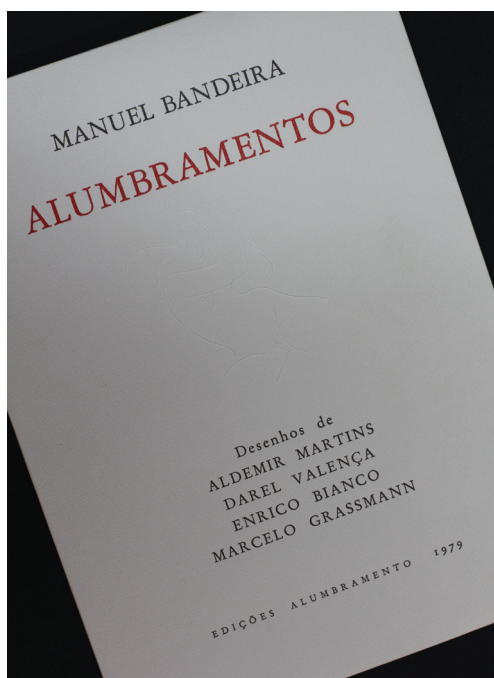
ANDRADE, Mário de. *Poemas da Negra*. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, 1976.

Desenhos de Di Cavalcanti. Tiragem de 473 exemplares numerados de 1-450 e de A-Z. Capa e desenhos impressos em serigrafia, texto em impressão tipográfica.

10. A bibliografia, em cada uma de suas subdivisões, foi organizada de forma cronológica.

11. As informações foram retiradas do catálogo de exposição de 1981. Quando necessário/possível, as informações foram verificadas e retificadas.

- KRAJCBERG, Frans. (*Livroarte*). Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, 1976.
Tiragem de oitenta exemplares, sendo dez dos editores e dez do artista, constando cada qual de uma escultura original e duas gravuras em relevo, numeradas e assinadas pelo artista. Texto de Antônio Houaiss. Esculturas realizadas em Nova Viçosa, Bahia, entre abril e setembro de 1976. Folha de rosto em serigrafia, texto em tipografia.
- Amor, Canto Segundo*. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, 1977.
Antologia de dez poetas brasileiros. Desenhos de Augusto Rodrigues. Impressão tipográfica de texto e ilustrações, capa em serigrafia. Tiragem de 488 exemplares, numerados 1-100, 101-450, A-Z e I-XV. Os cem primeiros acompanhados de uma litografia assinada.
- Formas/Espaços*. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, 1977.
Moldura-múltipla contendo gravura em metal de Anna Letycia, litografia de Renina Katz, serigrafia de Fayga Ostrower, xilogravura de Maria Bonomi e sete poemas – Drummond, Cecília Meireles, Ferreira Gullar, João Cabral, Jorge Guillén, José Paulo Moreira da Fonseca e Fernando Pessoa, em tiragem de noventa exemplares, assinados pelos artistas e pelos poetas. Texto impresso em serigrafia. Foram impressos também treze exemplares (A-M) destinados aos poetas, artistas e editora.
- AMADO, Jorge. *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água*. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, 1978.
Desenhos de Carybé. Tiragem limitada a setecentos exemplares numerados e assinados pelo escritor e pelo artista. Além das seis serigrafias inseridas no livro, cada exemplar é acompanhado de duas serigrafias, em quatro cores, fora do texto, numeradas e assinadas pelo artista.
- BANDEIRA, Manuel. *Alumbramento*. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, 1979.
Antologia de poemas de Manuel Bandeira, selecionados pelo autor. Desenhos de Darel Valença Lins, Enrico Bianco, Marcelo Grassmann e Aldemir Martins. Tiragem de 543 exemplares, numerados 1-100, 101-500, A-Z e I-XX. Acompanham os primeiros cem exemplares duas gravuras em metal (Grassmann e Darel) e duas litografias (Bianco e Aldemir Martins), assinadas pelos artistas. Cada exemplar é acompanhado de um disco com poemas gravados pelo autor.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Paixão Medida*. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, 1980.
Desenhos de Emeric Marcier. Edição de 643 exemplares, numerados 1-600, I-XX e A-Z, assinados pelo poeta e pelo artista. Impressão tipográfica.
- Edições do Amador*
- MONTEIRO, Salvador. *Reverso de Fábula*. Rio de Janeiro, Edições do Amador, 1980.
Tiragem de duzentos exemplares, impressão tipográfica.
- MONTEIRO, Salvador. *Dos Óleos de Mário*. Rio de Janeiro, Edições do Amador, 1984.
Caracteres da capa em serigrafia. Tiragem de quatrocentos exemplares, numerados 1-375 e A-Z.
- MONTEIRO, Salvador. *Pássaro Espaços*. Rio de Janeiro, Edições do Amador, 1999.
Tiragem de cem exemplares. Capa impressa em serigrafia, miolo impresso a laser, acondicionado em estojo.
- MONTEIRO, Salvador. *Presença do Amor*. Rio de Janeiro, Edições do Amador, 2007.
Tiragem de 120 exemplares. Apresentação de Ronaldo Menegaz. Impresso em offset.
- MONTEIRO, Salvador. *Bestiário*. Rio de Janeiro, Edições do Amador.
[Infelizmente não consegui acesso ao livro: procurei por meses em bibliotecas e coleções particulares – fica a informação parcial.]
- Alumbramento – segunda fase: livros comerciais*
- Em todos os livros abaixo Salvador Monteiro e Leonel Kaz constam como organizadores. A maioria das obras é de formato grande,



com sobrecapa e caixa/estojo para proteção e acondicionamento. Não foram explicitados todos os créditos por livro, pois são inúmeros os colaboradores com pequenos textos, assim como são muitos os fotógrafos. A maioria dos livros é bilíngue (inglês-português). Entre os fotógrafos que colaboraram nos livros da editora, destaca-se Claus Meyer.

Portinari o Menino de Brodóski. Rio de Janeiro, Livroarte Editora, 1979. 117p.

Apresentação de João Candido Portinari. Com textos de Drummond e Vinicius de Moraes. Reeditado em 2001.

Brasil Festa Popular. Rio de Janeiro, Livroarte Editora, 1980. 211p.

Prefácio de Câmara Cascudo. Introdução de Vicente Salles. Reproduções de Portinari. Desenhos de Carybé.

Arte Sacra Portinari. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1982. 128p. Apresentação de Alceu Amoroso Lima. Comentários de Frei Bruno Palma. Dados museográficos do Projeto Portinari.

Passos da Paixão – o Aleijadinho. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1984. 128p.

Texto de Rodrigo José Ferreira Bretas. Comentários de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira. Reeditado em 1989.

A Imagem de Mário. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1984.

Fotobiografia de Mário de Andrade. Introdução de Telê Ancona Lopez, texto crítico de Ferreira Gullar. Livro ilustrado com 198 fotos, 32 delas tiradas pelo próprio Mário de Andrade. Com reproduções dos retratos de Mário de Andrade por Lasar Segall, Cândido Portinari e Anita Malfatti. Reeditado em 1998. Reeditado novamente em 2000.

Bandeira a Vida Inteira. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1986. 184p.

Edição comemorativa do centenário de nascimento de Manuel Bandeira. Cronologia e seleção de textos por Júlio Castañon Guimarães. Abre com uma suite de 21 poemas de Drummond dedicados ao autor. Os poemas de Bandeira são ilustrados com 189 fotos. Contém ainda, anexo, um disco (compacto/vinil) com cinco poemas declamados pelo próprio autor. Reeditado em 1998. Reeditado novamente em 2000.

Jorge Amado Fotobiografia. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1986. 196p.

Textos de Zélia Gattai Amado e James Amado. Ilustrado com 21 fotos e 32 desenhos, cinco destes de Carybé.

Brasília. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1986.

Caixa desdobrável na qual estão inseridos quatro livros, com textos de Lúcio Costa, Burle Marx, Niemeyer e, no último, de Alfredo Ceschiatti, Athos Bulcão, Bruno Giorgi e Marianne Peretti.

Expedição Langsdorff ao Brasil (1821-1829). Rio de Janeiro, Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1988.

Obra em três volumes: o primeiro trata dos registros de Rugendas, o segundo dos de Tau-

ney, o terceiro dos de Hercule Florence. Reeditados em 1998.

Albert Eckhout – a Presença da Holanda no Brasil (Século XVII). Rio de Janeiro, Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1989. 142 p.

Revisão Crítica e Atualidade de Clarival do Prado Valladares; Verbetes Científicos de Luiz Emygdio de Mello Filho. Reeditado em 1998.

Drummond Frente e Verso. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1989. 196 p. Fotobiografia de Carlos Drummond de Andra-

de, com 219 fotos. Acompanha um disco (compacto/vinil) com sete poemas declamados pelo próprio poeta. Reeditado em 1998 e em 2000.

Album para Maria Julieta. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1989.

Em dois volumes: o primeiro é um fac-símile de um álbum de dedicatórias, com desenhos e manuscritos originais, recolhidos por Carlos Drummond de Andrade entre seus amigos, na década de 1940. O segundo volume, *Cantar Com Amigos*, é uma coletânea de textos da



- autoria de Drummond que fazem referência aos autores e artistas que permeiam o álbum de dedicatórias. Tiragem de 2000 exemplares.
- Floresta Atlântica*. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1992. 188 p.
- Cerrado: Vastos Espaços*. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1993. 256 p. Letras capitulares gravadas em xilo por Ciro Fernandes.
- J. B. DeBret: Flowers & Fruits*. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1994. Prefaciada pelo paisagista Roberto Burle Max, com introdução de Luiz Emygdio de Mello Filho e Bertha Ribeiro, publicada para comemorar o centenário de nascimento do “Patrono das Artes” e colecionador Raymundo de Castro Maia.
- Amazônia. Flora Fauna*. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1994. 320 p.
- Caatinga. Sertão Sertanejos*. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1995. 256 p.
- Fronteira. O Brasil Meridional*. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1996. 287 p.
- Presença do Brasil*. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1997. 236 p.
- Brasil: Flora e Fauna*. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1997. 284 p.
- Aquarelas – Brasil, Século XIX: Paisagem, Flores, Frutos*. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 2000. 130 p. Prefácio “A Arte do Livro”, de José Mindlin. Texto de Evaldo Cabral de Mello. Nota editorial de Salvador Monteiro. Aquarelas reproduzidas do acervo da Biblioteca Nacional. Estojo e capa impressos em serigrafia.

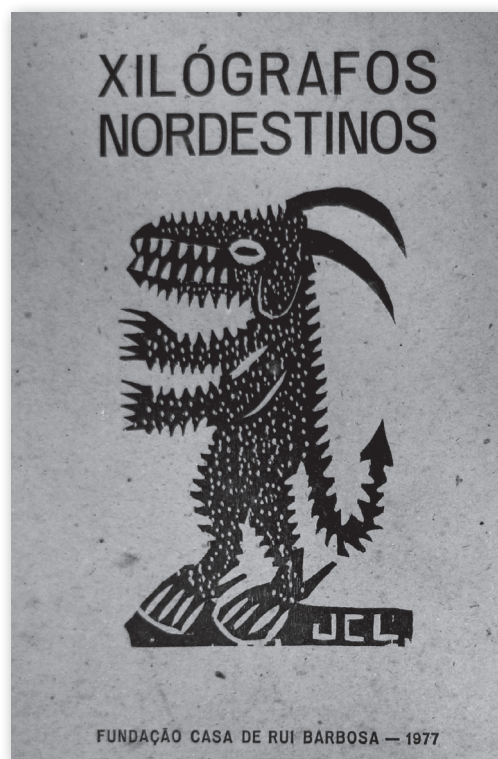
Outras edições

Livros com programação visual de Salvador Monteiro. Os que têm discos estão em caixas com encaixes para o livro e o(s) disco(s).

Xilógrafos Nordestinos. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. 218 p.

Apresentação de Homero Senna. Tiragem especial de 2000 exemplares.

- TÁVOLA*, Artur da. *Do Amor da Vida e da Morte*. Rio de Janeiro, Gráfica e Editora Danúbio, 1983. 92p. Livro inconsútil, com ilustrações de Carlos Martins, Antonio Maia, Ana Carolina, Lobianco, Scliar, Adilson Santos, Holmes Neves, Jenner Augusto, Isolda, Roberto de Souza, Azamor, Laerpe Motta, Píndaro Castelo Branco e Augusto Rodrigues.
- Caymmi: Som, Imagem, Magia*. Salvador, Fundação Emílio Odebrecht, 1985. 219p. Organizado por Marília T. Barbosa e Vera de Alencar. Acompanha disco (Lp/vinil) duplo com músicas de Caymmi, músicas arranjadas por Radamés Gnattali e depoimentos de Tom Jobim, Carybé, Jorge Amado e Caetano Veloso.
- Villa-lobos (Edição do Centenário)*. Salvador, Companhia Brasileira de Projetos e Obras/Fundação Emílio Odebrecht, 1986. Textos de Luís Paulo Horta. Iconografia do Museu Villa-Lobos e Biblioteca Nacional. Acompanha



panha um disco (Lp/vinil) duplo contendo depoimentos sobre o compositor e uma seleção de músicas suas interpretadas por Turíbio Santos, Miguel Proença, Giancarlo Pareschi, Watson Clis, Victoria de los Ángeles e pela Orquestra Nacional da Radiodifusão Francesa.

Tom Jobim. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Projetos e Obras/Sabiá Produções Artísticas, 1987. 216 p.

Edição comemorativa dos sessenta anos do artista. O livro contém um capítulo com a discografia do artista. Acompanha um Lp duplo, com texto de apresentação de Jairo Severiano. Participam Danilo Caymmi, Paulo Jobim, Jaques Morelenbaum, Sebastião Neto, Paulo Braga, David Sacks, Ana Lontra Jobim, Elizabeth Jobim, Maucha Adnet, Paula Morelenbaum e Simone Caymmi.

Vinícius de Moraes. Rio de Janeiro, Sabiá Produções Artísticas, 1988. 157 p.

Com poemas de Vinícius e texto de Paulo Mendes Campos e ilustrações de Carlos Leão. Acompanha Lp com doze canções compostas por Vinícius e interpretadas por Edu Lobo, Elizete Cardoso, Chico Buarque, Silvia Telles, Baden Powell, Os Cariocas, Odete Lara, Nara Leão, Toquinho, Elis Regina e Agostinho dos Santos.

Museu Carlos Costa Pinto. Salvador, Fundação Carlos Costa Pinto, 1997. 173 p.

Organização de Simone Trindade. Pesquisa e textos de Solange Godoy. Apresentação de Antônio Carlos Magalhães.

Azulejos. Salvador, Reitoria da Universidade da Bahia/Fundação Emílio Odebrecht, 2003. 162 p. Na construção da Reitoria da UFBA, foram aproveitados azulejos portugueses dos séculos XVIII e XIX, que pertenciam ao Solar do Bom Gosto, palacete neoclássico demolido em 1933.

A Palavra em Construção. Rio de Janeiro, Empresa Carioca de Engenharia, 1992. 143 p.